



<https://dx.doi.org/10.35499/tl.v18i2>

PONTO DE (DES)ENCONTRO: O APAGAMENTO DA VARIAÇÃO PRONOMINAL EM UM MATERIAL DIDÁTICO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL

DENER MARTINS DE OLIVEIRA (UEL)*

 <https://orcid.org/0000-0001-5346-7446>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo elucidar ao docente de Português como Língua Adicional as visões de mundo e de língua, bem como suas implicações práticas para o ensino, a partir de amostras de língua do Material Didático (MD) “Ponto de Encontro: *Portuguese as a world language*” (Jouët-Pastré et al., 2013), em especial no que concerne ao ensino da retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa, salientando como e por que os fatores externos das variação linguística (VL) são deliberadamente invisibilizados. Metodologicamente, trata-se de um estudo qualitativo-interpretativista que se baseia em análise documental e na Linguística de *Corpus*. A análise do MD se dá sob a perspectiva da Sociolinguística, a fim de demonstrar o apagamento das variações diamésicas, diafásicas e diastráticas dos pronomes encontrados no MD. Em um último momento, realizamos buscas na base de dados em português da ferramenta *Sketch Engine*, a fim de analisar e contrastar as amostras de língua retiradas do MD. Concluímos que o MD nega, intencionalmente, a VL na retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa em decorrência de sua submissão à norma europeia, por entender possuir prestígio social necessário para conduzir o estudante a uma vida profissional e acadêmica mais bem sucedida.

Palavras-chave: Material Didático; Português como Língua Adicional; Variação Linguística; Retomada Anafórica.

ABSTRACT

THE ERASURE OF PRONOMINAL VARIATION IN A PORTUGUESE AS AN ADDITIONAL LANGUAGE TEXTBOOK

This article aims to elucidate for the teacher of Portuguese as an Additional

* Doutorando em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestre em Letras Estrangeiras Modernas pelo programa de Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas (MEPLEM), da UEL, e docente de Língua Inglesa do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Instituto Federal do Paraná (IFPR) – Câmpus Londrina. <https://lattes.cnpq.br/2914593243016948>. E-mail: dener.martins@uel.br

Language the different worldviews and perspectives on language, as well as their practical implications for teaching, based on language samples from the textbook “Ponto de Encontro: *Portuguese as a world language*” (Jouët-Pastré et al., 2013). It specifically focuses on the teaching of third-person direct object anaphoric reference, highlighting how and why the external factors of linguistic variation (LV) are deliberately obscured. Methodologically, this is a qualitative-interpretative study based on document analysis and Corpus Linguistics. The analysis of the textbook is conducted from a Sociolinguistic perspective to demonstrate the erasure of diamesic, diaphasic, and diastratic variations of pronouns in the textbook. Finally, we conducted searches in the Portuguese database of the Sketch Engine tool to analyze and contrast the language samples extracted from the textbook. We conclude that the textbook intentionally denies LV in the third-person direct object anaphoric reference due to its adherence to the European normative standard, which is perceived to have the social prestige necessary to lead students to more successful professional and academic lives.

Keywords: Textbook. Portuguese as an Additional Language. Linguistic Variation. Anaphoric Reference.

INTRODUÇÃO

A discussão em torno da concepção de língua materializada em manuais ou livros didáticos de línguas é de interesse de professores, pesquisadores e produtores de Material Didático (MD). No que concerne ao ensino de Português como Língua Adicional (PLA), entendido aqui como um termo guarda-chuva que contempla as línguas não-primeiras, é importante salientar que não existem, no Brasil, documentos oficiais que orientem o ensino de PLA, o que dificulta o trabalho de profissionais que necessitam de “[...] orientações oficiais para o balizamento do ensino, o desenvolvimento de material didático e o estabelecimento de progressão curricular” (Schoffen; Martins, 2016, p. 272).

Críticas com relação aos MDs de PLA existentes no mercado indicam a predominância de uma abordagem de ensino tradicional, calcada em atividades com foco na forma, em detrimento de uma abordagem de língua como prática social, com propostas

contextualizadas e significativas de uso de língua. Mesmo os MDs que se dizem “comunicativos”, na prática, não refletem em suas propostas de atividades insumos de língua contextualizados ou que representem, minimamente, um uso de língua comum aos seus falantes, cabendo ao professor a tarefa de dar sentido real às suas práticas pedagógicas.

Diante do exposto, este artigo se insere nesse contexto de reflexão crítica da visão de língua adotada por MDs de PLA, tendo como ponto de partida de análise os fatores externos da Variação Linguística (VL). Dessa forma, buscamos elucidar ao docente de PLA as visões de mundo e de língua, bem como suas implicações práticas para o ensino, que subjazem às amostras de língua do MD “Ponto de Encontro: *Portuguese as a world language*” (Jouët-Pastré et al., 2013), em especial no que concerne ao ensino da retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa, salientando como e por que os fa-

tores externos da VL são deliberadamente invisibilizados.

É válido ressaltar que este trabalho difere de outros com o mesmo objeto de análise na medida em que evidencia as razões por detrás do apagamento da variação pronominal do português brasileiro no referido MD, de sorte a salientar a negação propositada dos fatores externos da VL na escolha editorial das autoras.

Para tanto, este artigo trata, primeiramente, dos conceitos de VL e norma, a fim de compreender por que os MDs privilegiam a Gramática Normativa (GN). Posteriormente, apresentamos os procedimentos metodológicos, seguidos da apresentação do MD “Ponto de Encontro” e das nossas análises. Por fim, finalizamos com nossas conclusões no que diz respeito às VLS e às práticas de ensino e aprendizagem de professores de PLA por meio de MDs.

O TRATAMENTO DAS NORMAS E DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM MATERIAIS DIDÁTICOS DE PLA

Antes dos anos de 1960, a Linguística se ocupava sobretudo de compreender o conjunto de regras que especificam padrões de funcionamento da língua, descrevendo ou prescrevendo dogmas com o intuito de regulá-la. Entretanto, foi com o advento da Sociolinguística que os estudos linguísticos se distanciaram de uma visão estruturalista e passaram a estudar a língua sob o viés da semântica. A fim de afastar-se da concepção estruturalista de língua, a Linguística, no Brasil, buscava criar uma identidade brasileira no uso da língua, distinguindo o português falado no Brasil e em Portugal.

Portanto, “a Sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a es-

trutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística” (Cezario; Votre, 2018, p. 141). Para a Sociolinguística, a VL é algo natural das línguas e, portanto, deve ser considerada ao analisá-la, sem pressupor juízo de valor. Dessa forma, a VL “[...] não é o resultado aleatório de um uso arbitrário e inconsequente dos falantes, mas um uso sistemático e regular de uma propriedade inerente aos sistemas linguísticos” (Camacho, 2011, p. 50). Para Bagno (2007, p. 36), a língua “é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita”.

Mesmo com os avanços teóricos e metodológicos para o campo do ensino proporcionados pela Sociolinguística, essa transposição para a sociedade e para o ensino não se dá de forma automática, sobretudo se considerarmos os discursos que circulam nos espaços sociais, que deslegitimam o uso real da língua em prol da norma europeia, vista como “o bom português”. Para Faraco (2011), existia um desejo da elite letrada brasileira do século XIX em europeizar e embranquecer a sociedade brasileira da época, também por meio da língua, ao vulgarizar as peculiaridades linguísticas do Português Brasileiro (PB) em favor do Português Europeu (PE).

Podemos dizer, portanto, que existem duas normas de uso diferentes na língua portuguesa: a norma normal, que diz respeito aos usos reais convencionados de língua, em diversas comunidades de fala; e as normas normativas, entendidas como modelos construídos e idealizados, constituídos por valores e intenções subjetivas (Rey, 2001), sendo esta última prestigiada por diversos segmentos sociais, midiáticos e econômicos, tanto no campo dos negócios como da educação, a exemplo do mercado editorial.

Diversos trabalhos acadêmicos mais recentes têm se debruçado em análises da VL de MDs de PLA sob a perspectiva da Sociolinguística (Misturino, 2015; Coutinho, 2016; Virgulino, 2020; Rodrigues, 2021; Snicelotto, Reis, 2021), tendo como inspiração o trabalho de Carvalho (2002), cujo título é “Variação linguística e ensino – uma análise dos livros didáticos de português como segunda língua”. No artigo, a autora ressalta a importância de considerar a VL em MDs de PLA, haja vista que o aluno poderia desenvolver melhor a competência comunicativa por meio de usos reais de língua.

Já nos outros trabalhos acadêmicos, as críticas giram em torno da presença de diálogos descontextualizados e inverossímeis, em situações inventadas com falas montadas, cuja finalidade é unicamente apresentar um tópico gramatical - de modo que o texto serve como pretexto gramatical. Portanto, trata-se do texto a serviço da gramática - e não a serviço do uso real da língua. Além disso, as apresentações gramaticais são baseadas apenas na GN, dificilmente ou raramente representando o uso cotidiano do PB. Nesse sentido, tem-se “o problema mais crônico da maioria dos livros de PBLE¹: o ensino de uma gramática que não corresponde à realidade em que o aprendiz está/será inserido” (Misturini, 2015, p. 34), de modo que existe uma evidente contradição entre o que se ensina e o que se usa, seja em contextos formais, informais, escritos ou orais, independentemente do nível de escolaridade.

O que se pode concluir é que, embora tenha havido avanços nas pesquisas em Sociolinguística, ainda há uma forte influência de abordagens estruturalistas na gênese de MDs de PLA, que “continuam sendo elabo-

rados em modelos antiquados de ensino/aprendizagem e desconsideram a variação linguística como parte constituinte deste processo” (Misturini, 2015, p. 79). Nesse sentido, é notória a predominância de uma cultura de ensino de PLA que perpetua os mesmos modelos de ensino tradicional de língua materna do século passado, que têm como premissa a apreciação de um cânon linguístico, cujo ideal está calcado em modelos de língua fechados e prestigiados por parte da sociedade.

Dito isso, o apagamento das VLs em MDs de PLA é sintoma de que existe um ideal de língua que não é compartilhado pela maioria de seus falantes, que reflete um normativismo excludente e autoritário, o que, certamente, tem profundas consequências para a formação desse aluno cuja primeira língua não é a portuguesa. Nesse sentido, o total silenciamento das VLs pode não só causar estranhamentos, como também incutir preconceitos linguísticos aos aprendizes, reafirmando uma divisão social entre falantes.

AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NOS MATERIAIS DIDÁTICOS DE PLA

A variação linguística é uma realidade condicionada a todas as línguas, uma vez que não há língua sem interações, trocas de significados e (re)construções de sentidos sociais e culturais. Segundo Carvalho e Bagno (2011, p. 10), “a variação linguística e sua contraparte histórica, a mudança, são constitutivas da própria natureza das línguas humanas”.

No entanto, existe uma visão equivocada em associar a VL apenas às variedades regionais de pessoas pouco escolarizadas, pressupondo que são os falantes urbanos aqueles que não possuem marcas linguísticas, de modo que os rurais são aqueles que

1 PBLE: Português Brasileiro como Língua Estrangeira.

“corrompem” a língua com usos inadequados. Na realidade, a VL, nos níveis lexical, fonético-fonológico, morfológico, sintático e discursivo, está atrelada a fatores extralinguísticos regionais, sociais, estilísticos, tanto em falantes urbanos escolarizados como não escolarizados.

A variação regional, ou diatópica, permite “identificar [...] a origem de uma pessoa através do modo como ela fala” (Coelho et al., 2010, p. 76). A variação social, ou diastrática, é condicionada pelo “grau de escolaridade, o nível socioeconômico, o sexo/gênero, a faixa etária e mesmo a profissão dos falantes” (*Ibidem*, p. 78). Já a variação estilística, ou diafásica, remete aos “diferentes ‘papéis sociais’ que as pessoas desempenham nas interações que se estabelecem em diferentes ‘domínios sociais’: na escola, na igreja, no trabalho, em casa, com os amigos etc.” (*Ibidem*, p. 82), de modo a determinar se o registro é formal ou informal, de acordo com o contexto discursivo, levando em conta o seu interlocutor. Por fim, a variação diamésica está relacionada ao meio em que a comunicação ocorre, seja escrito ou oral, sendo que, normalmente, a fala oral é mais espontânea e improvisada, o que resulta na maior probabilidade de ocorrência de variações. Já a escrita, por outro lado, tende a ser mais controlada e ensaiada, e, portanto, menos variável, haja vista que “há mais regras e maior monitoramento” (*Ibidem*, p. 84). Diante do exposto, podemos destacar que é errônea a associação de que a VL é exclusiva à fala de grupos ou comunidades menos escolarizadas. Assim, o grande desafio do educador e do produtor de MD é desmistificar falsas associações.

No entanto, o que se pode pontuar é que, em muitos MDs de PLA, para além do apagamento das VLs em desacordo com a GN, existe uma confusão que assume o texto es-

crito como um registro formal e o texto falado como um registro informal. Em alguns casos, sequer existe a distinção de registros formal e informal, independentemente do gênero textual, como poderemos demonstrar posteriormente.

Dito isso, torna-se evidente a necessidade de uma reflexão em relação aos procedimentos de ensino e aquisição de línguas, especialmente no que tange à integração das VLs nos MDs, bem como na exploração de novas abordagens de ensino, com o intuito de posicionar criticamente contextos que frequentemente perpetuam preconceito linguístico e marginalização social.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este é um estudo qualitativo-interpretativista que se baseia na análise documental do MD “Ponto de Encontro: *Portuguese as a world language*” (Jouët-Pastré et al., 2013), bem como na Linguística de *Corpus* como método de levantamento de dados.

Para realização de nossa análise, a fim de cumprir os objetivos propostos, partimos, primeiramente, da leitura completa do MD, com o intuito de identificar e selecionar todos os trechos que fazem referência à retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa, em especial nas notas gramaticais. Uma vez encontrados esses exemplos e explicações, iniciamos a análise sob a perspectiva da Sociolinguística, com o fito de demonstrar, com o suporte do referencial teórico, como e por que os fatores externos das VLs são deliberadamente invisibilizados, tais como as variações diamésicas, diafásicas e diastráticas.

Por fim, realizamos buscas pela base de dados PB *Portuguese WEB* 2020 (ptTenTen20), pelo *software* gerenciador de *corpus*

Sketch Engine, a fim de analisar as mesmas amostras de língua contidas no MD, bem como suas possibilidades de uso com o pronome lexical. Essa análise tem como intuito demonstrar como os exemplos propostos pelo MD são inadequados discursivamente e sob o ponto de vista dos fatores externos da VL, ao contrastá-las com as amostras reais de língua retiradas do *corpus*.

O MATERIAL DIDÁTICO “PONTO DE ENCONTRO”

O MD “Ponto de Encontro: *Portuguese as a world language*” (Jouët-Pastré et al., 2013) foi lançado em 2007, com a autoria principal da Prof^a Anna M. Klobucka, e reeditado em 2011, com a autoria principal da Prof^a Clémence M. C. Jouët-Pastré. É uma obra amplamente utilizada nas universidades dos Estados Unidos da América, pois foi escrita por professoras de prestigiadas instituições americanas, tais como Harvard, Dartmouth e Brown.

Segundo seu prefácio, o MD tem o intuito de ensinar o chamado “português global”, não se limitando apenas às normas do PB ou PE. Para as autoras, o material busca ensinar um português que seja um “ponto de encontro” entre as várias normas linguísticas dessa língua.

Ainda em seu prefácio, o material diz que seu ponto forte é a “ênfase na comunicação significativa e contextualizada dentro e fora da sala de aula” (Jouët-Pastré et al., 2013, p. XX)². Além disso, acredita que está alinhado aos padrões de ensino de línguas do século 21, ao integrar comunicação, cultura, conexões, comparações e comunidades. As

2 Tradução livre de: “*Other distinctive features of Ponto de Encontro are its strong emphasis on meaningful, contextualized communication in the classroom and beyond*” (Jouët-Pastré et al., 2013, p. XX).

autoras também enfatizam que os alunos aprendem a se comunicar efetivamente em português falado e escrito.

Acreditamos que a ideia de um MD que atenda a um ensino de português “comum a todos” busca marcar uma percepção de língua que atenda a interesses políticos e econômicos em um mundo globalizado, uma vez que, embora as autoras entendam que todas as variedades da língua portuguesa estejam contempladas, apenas pode se notar o biocentrismo Brasil e Portugal nas diversas manifestações de língua ao longo do material, haja vista outras variedades, constitutivas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), são apagadas no decorrer das lições. Esses países não representam parte significativa das transações comerciais envolvendo países de fala portuguesa. Isso pode ser evidenciado na afirmação das autoras de que há um favorecimento do PB, que representa aproximadamente 75% do conteúdo do MD. Não coincidentemente, é o Brasil o propulsor econômico dentre todos os países lusófonos, tendo sido a 6^a maior economia do mundo, a frente da Grã-Bretanha, em 2011³, ano de lançamento da segunda edição, muito distante de Portugal, em 45^a⁴.

A RETOMADA ANAFÓRICA DE OBJETO DIRETO DE 3ª PESSOA NO MATERIAL DIDÁTICO “PONTO DE ENCONTRO”

À luz dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Educacional, esta análise está baseada nos insumos de língua presentes no

3 Cf. jusbrasil.com.br/noticias/brasil-ultrapassa-reino-unido-e-se-torna-6-economia-do-mundo/2978847/. Acesso em 06 set. 2024.

4 Cf. maisliberdade.pt/maisfactos/portugal-foi-ultrapassado-por-12-economias-na-primeira-decada-do-sec-xxi/. Acesso em 06 set. 2024.

decorrer do MD quando tratam do uso de pronomes oblíquos de 3ª pessoa. A partir disso, procedemos a uma comparação entre os exemplos de língua contidos em notas de explicação gramatical do MD e os usos de língua retirados do *corpus* Sketch Engine, a fim de contrastar as normas normais e as normas normativas, destacando eventuais aproximações e distanciamentos sob a ótica

das variações diamésicas, diafásicas e diatráticas.

Sabe-se que a retomada anafórica de objeto direto no PB se manifesta de forma distinta da do PE, a depender do seu contexto discursivo. A seguir, tem-se o Quadro 1 com uma representação resumida das diversas possibilidades, considerando não só a norma normal, como também a normativa:

Quadro 1 - Retomada Anafórica de objeto direto de 3ª pessoa

RETOMADA ANAFÓRICA DE OBJETO DIRETO DE 3ª PESSOA		
Norma normativa	Clítico (pronome oblíquo)	Eu o(a) encontrei no chão.
Norma normal / normativa	Sintagma Nominal (SN)	Eu encontrei a chave no chão.
Norma normal / normativa	Anáfora Zero (AZ)	Eu encontrei no chão.
Norma normal	Pronome lexical	Eu encontrei ele(a) no chão.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O Quadro 1 apresenta as principais estratégias de retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa, sendo elas por meio de clíticos, de sintagma nominal (SN), de anáfora zero (AZ) e pronome lexical (o “ele” acusativo).

Para Castilho (2010), o PB se encontra, atualmente, em um processo de desaparecimento da anáfora por meio do clítico, sendo constantemente substituído pelo pronome lexical, exceto em discursos monitorados.

Em muitos casos, o uso dos clíticos de 3ª pessoa como retomada anafórica pode soar um português artificial, causando a impressão de que seu enunciador possa ser considerado arrogante, com uma marcação de posição de poder entre o enunciador e o interlocutor (Coutinho, 2016). Em contrapartida, o uso de ele/ela como objeto direto, embora extremamente comum, pode ser estigmatizado por alguns nichos da sociedade por ser associado à baixa escolarização e a condições econômicas inferiores (Bagno, 2001).

Contudo, tal como apontam alguns estudos, a escolha entre AZ e pronome lexical não é fortuita. Para determinar seus usos, existem três hipóteses: a hipótese dos traços de animacidade, que sugere que há uma preferência pelo uso de pronomes lexicais quando a retomada anafórica for um ser animado [+ animado] (Duarte, 1989). Já o uso de AZ é preferível quando a retomada tiver um traço [-animado]. Por outro lado, a hipótese da especificidade sinaliza que é necessário analisar o contexto discursivo a partir da perspectiva do enunciador, a fim de definir se é específico ou não (Pivetta, 2015). Por fim, tem-se a hipótese do gênero semântico, que diz respeito a

substantivos que denotam sexo natural aparente, como homem, mulher, professor, cachorro, etc., de substantivos que não denotam sexo natural aparente, como mesa, livro, vítima, cônjuge tartaruga, etc. Referentes inanimados são marcados negativamente para esse traço; substantivos animados, contudo, não possuem necessariamente um gênero semântico específico: pessoa, habitan-

te, estudante, etc. (Othero, Schwanke, 2018, p. 156-157).

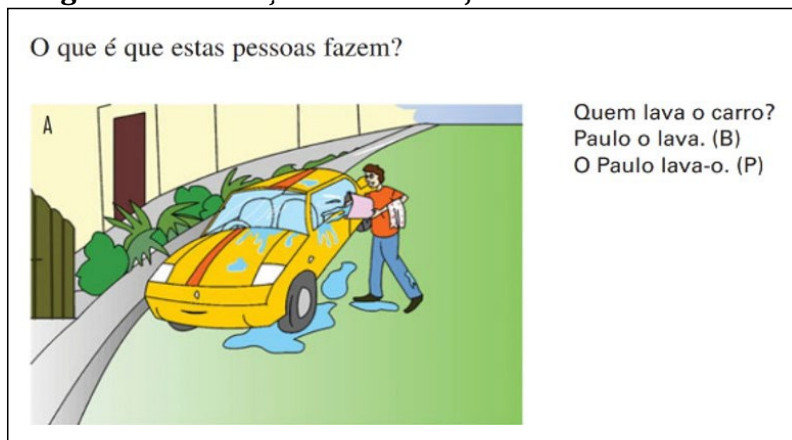
O caso dos clíticos de terceira pessoa, no PB, “está em via de desaparecimento porque ela já é um arcaísmo, um fóssil na língua” (Galves, 1998, p. 87). Complementarmente, Bagno (2001) afirma que

o uso de clíticos na língua falada [...] é insignificante. Se ele aparece nas TLF [Transcrição da Língua Falada] do *cor-*

pus de língua escrita é porque ou o entrevistado usou um estilo [+monitorado] no momento de dar seu depoimento, ou o redator “revisou” e “corrigiu” a fala do depoente, ajustando ela à norma-padrão (Bagno, 2001, p. 203).

Vejamos, na sequência, uma amostra artificial de língua, retirada do MD, que tem por objetivo exemplificar a diferença de uso de objeto direto entre PB e PE.

Imagem 1 - Diferença de uso de objeto direto entre PB e PE



Fonte: Jouët-Pastré et al. (2013, p. 247)

Na imagem, podemos observar que as autoras marcam a frase com (B), referindo-se a Brasil, e com (P), a Portugal. Isso indica

que, inicialmente, a única diferença de uso do pronome oblíquo é a posição de ênclise e próclise, o que é enfatizado adiante:

Imagem 2 - Nota gramatical - Uso de objeto direto

- Brazilians usually place the direct object pronoun before the conjugated verb. As illustrated above, this does not apply to *você(s)* or *o senhor, a senhora*, etc., when used as object pronouns.

Roberto **me** levou à praia.
Eu **os conheço** faz muito tempo.

Roberto took me to the beach.
I've known them for a long time.

Fonte: Jouët-Pastré et al. (2013, p. 248)

Nesse trecho, as autoras demonstram que os brasileiros costumam posicionar o objeto direto antes do verbo conjugado, não sendo aplicado a “você”, “o senhor” ou “a senhora”, uma vez que, para esses casos, usaríamos esses mesmos pronomes como objeto direto. O primeiro exemplo com “me” (Roberto me le-

vou à praia) parece ser um caso adequado à norma normal do PB. Já o segundo (Eu os conheço faz muito tempo) indica um uso muito mais atrelado à norma normativa.

Uma vez que tanto o uso quanto a posição dos clíticos podem soar um uso de língua pouco recorrente, ocultá-los pode ser

uma estratégia de invisibilizar os estigmas provenientes do uso dos pronomes ele/ela como objeto direto, como abordado no trecho a seguir:

Imagem 3 - Nota gramatical - A omissão de pronomes oblíquos

■ Especially in Brazilian Portuguese, direct object pronouns o , a , os , and as are often omitted altogether in colloquial speech.	
Você conhece este professor ?	<i>Do you know this professor?</i>
Não, não conheço.	<i>No, I don't know (him).</i>
A senhora vai experimentar a saia ?	<i>Are you going to try on the skirt?</i>
Vou experimentar, sim.	<i>I am going to try (it) on.</i>

Fonte: Jouët-Pastré et al. (2013, p. 248).

No trecho, as autoras destacam que a omissão de pronomes oblíquos é uma peculiaridade do PB, que ocorre em contextos de fala coloquial. Com essa explanação, é possível afirmar que o emprego da AZ foi a única forma que as autoras encontraram para incluir alguma variação no uso da retomada anafórica, sendo aquela que menos “cor-

romperia” a norma normativa. Salientamos que, em nenhuma nota gramatical ou exemplificação, menciona-se o uso do pronome lexical como uma possibilidade.

Mais adiante, as autoras buscam salientar que existem normas prescritivas para o uso da próclise, independentemente da variedade do português ou de fatores externos.

Imagem 4 - Nota gramatical - A posição dos pronomes de objeto direto

■ The pronoun always precedes the verb in negative sentences, in questions introduced by a question word, after conjunctions such as que or quando , relative pronouns such as quem , and after certain adverbs such as ainda , tudo , todos , só , and também , among others.	
Não te compreendo.	<i>I don't understand you.</i>
Onde as compraste?	<i>Where did you buy them?</i>
Acho que me ouviram.	<i>I think they heard me.</i>
Ainda o temos.	<i>We still have it.</i>

Fonte: Jouët-Pastré et al. (2013, p. 248).

Segundo a nota, os pronomes sempre precedem o verbo em frases negativas, em perguntas iniciadas com pronomes interrogativos, depois de conjunções, como “que” e “quando”, pronomes relativos, bem como depois de alguns advérbios, como “ainda”, “tudo”, “todos”, “só” e “também”. Chama-nos a atenção a palavra “sempre” (*always*), indicando que não se trata de uma escolha, mas de uma imposição linguística, o que também pode remeter a uma ideia de homogeneização de uso da língua. Nesse sentido, trata-

se claramente de regras que boa parte dos brasileiros não conhece ou não as aplica, de modo que são pouco respeitadas até mesmo dentro dos nichos mais bem escolarizados. Para Bechara (2009), a teoria da “atração vocabular” é um equívoco, uma vez que, se for levado em consideração o aspecto fonético-sintático, esse preceito deixa de fazer sentido por não ser uma construção aceitável do ponto de vista da eufonia do PB, de modo que “a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeita-

mente com a do falar dos portugueses” (Ali, 1994, p. 279 *apud* Bechara, 2009, p. 490).

Na sequência, há outra nota explicati-

va, agora sinalizando a mudança ocorrida quando o verbo se encontra em sua forma do infinitivo.

Imagem 5 - Nota gramatical - Os pronomes de objeto direto com verbos no infinitivo

- The pronouns **o**, **a**, **os**, and **as** change to **lo**, **la**, **los**, and **las** when attached to an infinitive, and the infinitive loses its final **-r**. A written accent is required in **-ar** and **-er** verbs.

Você quer experimentar o casaco?

Sim, quero **experimentá-lo**.

A senhora vai ler os jornais?

Sim, vou **lê-los**.

A Mafalda gosta de ouvir
esta canção?

Ela gosta de **ouvi-la**, sim. (B)

Ela gosta de **a ouvir**, sim. (P)

Do you want to try on the coat/jacket?

Yes, I want to try it on.

Will you read the newspapers?

Yes, I'll read them.

Does Mafalda like to hear this song?

Yes, she likes to hear it.

Fonte: Jouët-Pastré et al. (2013, p. 249).

Nesse trecho, as autoras demonstram que os pronomes “o”, “a”, “os” e “as” são substituídos por “lo”, “la”, “los” e “las”, quando acompanhados de verbos no infinitivo, perdendo o r. O MD destaca, ainda, que, nesses casos, o PE opta pelo uso dos clíticos, de modo que “ouvi-la” passaria a ser “a ouvir”. Contudo, não fica claro se essa mudança entre PB e PE é apenas observada em verbos terminados em “ir” ou de maneira sistemática. Isso posto, o ma-

terial apresenta uma postura enrijecedora da língua, de modo que, independentemente do gênero, do meio de comunicação, ou do grau de formalidade, esse é um uso empregado de maneira regular e homogênea entre as variantes, desconsiderando, sobretudo, a AZ.

Na nota seguinte, uma prescrição gramatical, praticamente exclusiva à norma normativa, é apresentada, agora com verbos terminados em “s”.

Imagem 6 - Nota gramatical - Os pronomes de objeto direto com verbos terminados em S

- When the present subjunctive **nós** form is used, followed by the direct object pronoun **o**, **a**, **os**, **as**, the final **-s** of the verbal form is dropped, a hyphen is added, and the object pronoun becomes **lo**, **la**, **los**, **las**.

Ajudemos a Maria. **Ajudemo-la**
agora.

Let's help Maria. Let's help her now.

Fonte: Jouët-Pastré et al. (2013, p. 424).

Na referida nota gramatical, as autoras pontuam que, em verbos no presente do subjuntivo, conjugados com o pronome “nós”, seguidos dos pronomes oblíquos “o”, “a”, “os”, “as”, exclui-se o “s” final, adiciona-

se um hífen e substitui-se os pronomes por “lo”, “la”, “los” e “las”. Nesse caso, a nota, tal como na explicação anterior, não destaca nenhuma peculiaridade de seu emprego, ignorando totalmente o fato de se tratar de

um uso exclusivo da língua escrita formal, podendo ser considerado irrelevante para práticas de interação coloquial.

O GERENCIADOR DE CORPUS SKETCH ENGINE E AS AMOSTRAS REAIS DE LÍNGUA

Como forma de demonstrar como os usos exemplificados, tanto nas amostras de língua, como nas notas gramaticais do MD, são inadequados discursivamente e sob o ponto de vista dos fatores externos da VL, apresentamos o Quadro 2, que consiste na busca dos mesmos termos, bem como suas possibilidades de uso com o pronome lexical, por meio da base de dados *PB Portuguese WEb 2020* (ptTenTen20), pelo *Sketch Engine*, um *software* gerenciador de *corpus* desenvolvido pela *Lexical Computing CZ*.

O referido *corpus* conta com 12,5 bilhões de palavras (baixadas entre junho e julho de 2020 e parte da *Wikipedia* em novembro de

2020), provenientes de discursos escritos que circulam na *web*, tanto do PB quanto do PE. Contudo, para este estudo, filtramos apenas aquelas amostras de língua que circulam em domínios *com.br*.

Com relação aos gêneros abarcados pela ferramenta, é possível obter textos de blogs, fóruns de discussão, ficção, textos jurídicos, reportagens e enciclopédias. Para esta análise, atentamo-nos, portanto, aos gêneros mais frequentes para o termo buscado, de sorte a demonstrar se tal termo se insere em um contexto formal ou coloquial de língua, mais controlado, como reportagens; ou menos controlados, como fóruns de discussão.

Os termos buscados são exatamente aqueles exemplificados no MD: “lava-o” (Jouët-Pastré et al, 2013, p. 247), “experimentá-lo” (Jouët-Pastré et al, 2013, p. 249), “ajudemo-la” (Jouët-Pastré et al, 2013, p. 424), acrescentada a sua variação de gênero. O resumo dessa busca pode ser observado no Quadro 2:

Quadro 2 - Busca do *Sketch Engine* sobre os usos de pronomes de objeto direto

BUSCA	OCORRÊNCIAS	GÊNEROS MAIS FREQUENTES	TÓPICO	WEBSITES MAIS FREQUENTES
lava-o + lava-a	20	não identificado notícias blog	não identificado religião cultura e entretenimento	unisinos.br ifsc.edu.br piadas.com.br
lavar ele + lavar ela	793	não identificado discussão ficção	não identificado carros e bicicletas sexo	contoseroticos.com.br lidermotos.com.br clubext.com.br
experimentá-lo + experimentá-la	2,711	não identificado blog notícias	não identificado saúde tecnologia e TI	365saude.com.br uol.com.br gerenciaimoveis.com.br
experimentar ele + experimentar ela	316	não identificado discussão blog	não identificado carros e bicicletas sexo	contoseroticos.com.br lidermotos.com.br cifraclub.com.br
ajudemo-la + ajudemo-lo	22	blog não identificado	não identificado religião	ocaminho.com.br unisinos.br nom.br
vamos ajudar ele + vamos ajudar ela	60	sem gênero ficção notícias	não identificado cultura e entretenimento esportes	tucajogos.com.br fanfics.com.br jogsdemenina.com.br

Fonte: Elaborado pelo autor.

O Quadro 2 mostra que os usos de língua com os clíticos são aqueles que circulam, na web, por meio de gêneros textuais que exigem uma redação mais controlada e adequada à norma normativa do PB, como notícias e textos de blogs. Tem-se, como exemplo, o caso de “lava-o”, retirado do website unisinos.br, que traz uma fala do Papa Francisco: *“Porque Jesus toma sobre Si o mal, a sujeira, o pecado do mundo, incluindo o nosso pecado, o pecado de todos nós, e lava-o; lava-o com o seu sangue, com a misericórdia, com o amor de Deus”*.

O caso de “experimentá-lo”, mais frequentemente presente no site 365saude.com.br, que consiste em diversos textos informativos sobre doenças e tratamentos, é uma demonstração de que o clítico circula sobretudo em contextos cuja redação necessita ser controlada: *“Antes de usar qualquer suplemento de perda de peso, consulte seu médico antes de experimentá-lo para se certificar de que é seguro”*.

Por último, tem-se “ajudemo-la”. O trecho a seguir é retirado do blog ocaminho.com, que reúne escrituras do espiritismo cristão: *“Ajudemo-la com as nossas vibrações de compreensão e carinho”*.

Por outro lado, as amostras de língua contendo o uso de pronomes lexicais são mais comumente empregadas em contextos menos controlados de uso de língua, e, portanto, mais coloquiais, como fóruns de discussão e diálogos em histórias de ficção, como, por exemplo:

Lavar ele/ela: *“eu espero o sola baixar e a qui fica uma boa sombra, e eu lavo ela na rampa que tem mais espaço e tem a onde eu subir para lavar o teto”*.

Gênero: Fórum de discussão. Domínio: pica-pesgm.com.br. Temática: Carros

Experimenta ele/ela: *“sempre repito, recomendo, mas pra quem assim como eu é ini-*

ciante... Apesar do sabor e da sensação ser estranha para quem experimenta ela pela primeira vez, ela tem uma sensação ótima, o sabor é ótimo e suave”.

Gênero: Fórum de discussão. Domínio: brejas.com.br. Temática: Bebidas

Vamos ajudar ele/ela: *“quem começou a fumar sabia dos riscos, foi burro, como eu fui, mas agora eu vou ser a escória da humanidade? “Não, não vamos ajudar ele não pq ele fuma pq quis assim!”*

Gênero: Fórum de discussão. Domínio: ig.com.br. Temática: Saúde

Ponderamos, por fim, que o ensino da GN tem presença e destaque em diferentes gêneros, com suas funções sociais determinadas. No entanto, o que buscamos com nossa análise é demonstrar como o apagamento dos fatores externos da VL se dão de forma intencional, contrastando com as amostras de língua corriqueiras, tanto na fala, como na escrita, independentemente do contexto socioeconômico ou do grau de escolaridade dos sujeitos envolvidos na situação discursiva.

ANÁLISE DOS DADOS

Fica claro, portanto, que o MD “Ponto de Encontro: *Portuguese as a world language*” (Jouët-Pastré et al., 2013), embora acredite que favoreça usos do PB, deliberadamente omite a predominância do pronome lexical como uma possibilidade de uso para retomadas de anáforas de objetos diretos de 3ª pessoa. Além disso, a única variação possível apresentada é a AZ, que se restringe ao uso coloquial, o que, de fato, não procede no PB, uma vez que “sua ocorrência em artigos de jornais e revistas, na literatura e em traduções, em contextos que não tem a intenção de reproduzir a língua falada, atesta isso e distingue o português do Brasil das suas línguas irmãs” (Tarallo, 1989, p. 32).

Para além da questão que diz respeito à norma normal *versus* a norma normativa do PB, em contraste com o PE, frisamos que o MD não faz referência a nenhuma das diferentes peculiaridades discursivas, invisibilizando as variações diamésicas, diafásicas e diastráticas no que diz respeito à retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa, o que, na nossa avaliação, seria crucial para o ensino de uma língua estrangeira, sob o risco de incutir, de forma equivocada, a ideia de que a GN é, invariavelmente, a única língua em circulação.

Contrariamente ao que dizem as autoras ao afirmarem que os alunos aprendem a se comunicar efetivamente em português falado e escrito, percebe-se que há uma falsa representação de práticas de comunicação em português falado e escrito em contextos menos e mais controlados, oferecendo uma impressão equivocada do PB utilizado cotidianamente.

Essa confusão entre língua em uso e GN é um problema para o ensino e para a aprendizagem de PLA na medida em que o aluno pode não só concluir que o português é uma língua difícil, repleta de regras despropostas, como também se sentir desmotivado, haja vista que tais prescrições não têm fins comunicativos e práticos, mas dogmáticos. Além disso, pode-se ainda criar a ilusão de uma língua que não existe na realidade, de modo que o aluno, sobrecarregado de normas, não consiga se comunicar de forma proficiente ou se passe por um falante pedante e inadequado a depender da situação discursiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo elucidar ao docente de PLA as visões de mundo e de língua, bem como suas implicações práticas

para o ensino, a partir de amostras de língua do MD “Ponto de Encontro”, em especial no que concerne ao ensino da retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa, salientando como e por que os fatores externos das variações linguísticas são deliberadamente invisibilizados.

Nossa intenção, com este trabalho, não foi a de desqualificar o referido MD, mas a de elucidar ao professor de PLA que o prestígio social da língua portuguesa, advindo da GN, é algo enraizado em MDs de PLA, mesmo aqueles que se apresentem por uma abordagem mais pluralizada, como acreditam as autoras do livro, de modo que é necessário, seja na produção, adaptação ou adoção de MDs, levar em conta os fatores externos da VL, a fim de refletir e promover usos reais de língua. Dessa forma, entendemos que a invisibilização das variantes linguísticas diamésicas, diafásicas e diastráticas, no MD, com relação à retomada anafórica de objeto direto 3ª pessoa, está atrelada à deliberada submissão à norma normativa europeia, independentemente do contexto, compreendida pelas autoras como a única capaz de conduzir o aprendiz de português a trilhar caminhos mais bem sucedidos em sua vida profissional e acadêmica, por conta do seu status e prestígio social. Se, conforme salientado pelas autoras no MD, o PB é representado em 75% do MD, cabe indagar o que as autoras entendem por PB.

Na ausência de um MD que proponha o ensino das variações da língua, faz-se oportuno que o professor promova práticas de ensino sensíveis à diversidade linguística, em detrimento de práticas de ensino que reproduzam o preconceito linguístico dentro e fora de sala de aula. Nesse sentido, entendemos que é papel do professor desvelar as diferenças sociolinguísticas do português, destacando que há diferentes maneiras de

dizer a mesma coisa, a depender dos propósitos comunicativos, da relação entre o enunciador e o interlocutor, bem como do contexto discursivo e de seu meio. Em outras palavras:

para que o processo de ensino-aprendizagem faça sentido e tenha efeito nas práticas escolares, a realidade linguística multifacetada do PB - na produção de textos escritos e orais — tem de ser apresentada/reconhecida/trabalhada (Martins; Vieira; Tavares, 2014, p. 14).

Acreditamos, por fim, que este artigo avança no sentido de trazer luz às práticas de ensino e aprendizagem de professores de PLA na medida em permite que docentes reconheçam os interesses comerciais, as visões de língua, bem como suas implicações práticas para a vida do aprendiz, por trás das atividades propostas em MDs de português. Além disso, este trabalho também contribui para ressaltar a necessidade de considerar os fatores externos da VL na produção, adaptação e adoção de MDs para o ensino de PLA, em especial no que concerne ao ensino da retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa, sob o risco de se ensinar uma língua em desencontro com seu caráter culturalmente dinâmico, vivo e diverso.

REFERÊNCIAS

- ALI, M. S. **Gramática Secundária da Língua Portuguesa**. 3ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1964.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BAGNO, M. **Dramática da Língua Portuguesa: Tradição gramatical, mídia e exclusão social**. São Paulo: Loyola, 2001.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- CAMACHO, R. G. Sociolinguística - parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. (org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteira**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 49-75.
- CARVALHO, O. L. S. Variação Linguística e ensino: Uma análise dos livros didáticos de português como segunda língua. In: BAGNO, M. **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. pp. 267-289.
- CARVALHO, O. L. S.; BAGNO, M. (orgs.). **Dicionários escolares: políticas, formas & usos**. São Paulo: Parábola, 2011.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEZARIO, M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. (org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 141-155.
- COELHO, I. L. et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. Disponível em: https://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf. Acesso em: 21 ago 2024.
- COUTINHO, V. A. **Variação linguística no ensino de português brasileiro como língua estrangeira: pronomes objeto direto de 3ª pessoa**. 2016. 96f., Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, F. (org.). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989, p. 19-34.
- FARACO, C. A. O Brasil entre a norma culta e a norma curta. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (org.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 259-275.
- GALVES, C. A gramática do português brasileiro. In: **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 79-96, 1998.
- JOUËT-PASTRÉ, C. M. C. et al. **Ponto de Encontro: Portuguese as a world language**. 2 ed. Estados Unidos da América: Pearson, 2013.
- MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

MISTURINI, F. W. **O livro didático de português para estrangeiros: reflexões e análises a partir da sociolinguística**. 2015. 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

OTHERO, G. A.; SCHWANKE, C. Retomadas anafóricas de objeto direto em português brasileiro escrito. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 26, n. 1, 2018.

PIVETTA, V. **Objeto direto anafórico no português brasileiro: uma discussão sobre a importância dos traços semântico-pragmáticos – animacidade/especificidade vs. gênero semântico**. 2015. 126f. Dissertação (Mestrado em teoria e análise linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, 2015.

REY, A. Usos, julgamentos e prescrições linguísticas. In: BAGNO, M. (Org.). **Norma linguística**. São Paulo: Loyola, 2001. p. 113-140.

RODRIGUES, C. S. **O português do Brasil em materiais didáticos para estrangeiros: Um estudo das variações linguísticas e socioculturais**. 2021. 135f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, 2021.

SCHOFFEN, J. R.; MARTINS, A. F. Políticas linguísticas e definição de parâmetros para o ensino de

português como língua adicional: perspectivas portuguesa e brasileira. **Revista virtual de estudos da linguagem - ReVEL**. Novo Hamburgo, RS, v. 14, n. 26, p. 271-306, 2016.

SNICHELOTTO, C. A. R.; REIS, A. P. (2021). A dimensão externa da variação linguística em um livro didático de português brasileiro como língua não materna. **Scripta**, 25(53), 330-362. Disponível em: <<https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2021v25n53p330-362>>. Acesso em: 21 ago. 2024.

TARALLO, F. **Relativization strategies in Brazilian Portuguese**. 1983. 273p. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Pennsylvania, Philadelphia, 1983.

TORIBIO, A. J. Proper Government in Spanish Subject Relativization. *Probus*, Amsterdam, v. 4, p. 291-304, 1992.

VIRGULINO, C. G. C. **Ponto de encontro? um estudo sobre a norma em um mecanismo de política linguística para a difusão do “português global”**. 2020. 95f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

Recebido em: 07/09/2024

Aprovado em: 09/12/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.